

INTERESSES E MOTIVAÇÕES PARA A LEITURA: ALGUNS PONTOS A SEREM DISCUTIDOS

Eunice Lopes de Souza TOLEDO*

RESUMO: O presente trabalho pretende fornecer algumas reflexões no sentido de repensar o ato de ler do jovem adolescente, remetendo-se a alguns trabalhos práticos de profissionais da área da educação. Apresenta como sugestão para o levantamento de interesses e motivações junto desse jovem, um recurso chamado "diálogo". Fornece, também, uma visão geral do papel que a literatura atual pode representar em sua prática de leitura.

UNITERMOS: Leitura; interesse; motivação; diálogo; adolescente.

INTRODUÇÃO

São vários os fatores que levam um jovem a dedicar seu tempo, mesmo que em pequenas proporções, à prática da leitura.

Analisando uma série de pesquisas e trabalhos práticos realizados na área da leitura, Bamberger (2, p. 32-33) verifica que a maioria desses trabalhos apresenta as mesmas conclusões no tocante a interesses e motivações. Vamos rever resumidamente tais conclusões:

- a) "A primeira motivação para ler é simplesmente a alegria de praticar habilidades recém-adquiridas, o prazer da atividade intelectual recém-descoberta e do domínio de uma habilidade mecânica";
- b) "desenvolvimento de aptidões, expansão do 'eu'";
- c) "formação de uma filosofia da vida, compreensão do mundo que nos rodeia";
- d) "prazer ao encontrar coisas e pessoas familiares (histórias ambientais) ou coisas novas e não-familiares (livros de aventuras), desejo de fugir da realidade e viver num mundo de fantasias (contos de fadas, histórias fantásticas, livros utópicos), necessidade de auto-afirmação, busca de ideais (biografias), conselhos (não-ficção), e entretenimento (livros de esportes) etc." (Bamberger, 2, p. 32-3).

No Brasil, as conclusões encontradas em trabalhos sobre leitura são bastante semelhantes às discutidas por Bamberger.

* Departamento de Linguística – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – 19800 – Assis – SP.

Em pesquisa realizada em Belo Horizonte, Minas Gerais, Rabello et al. (5, p. 41) concluem que seus jovens informantes demonstram não apenas uma necessidade de aumentar conhecimentos e desenvolver valores morais, através da leitura efetiva, mas, também, buscaram o prazer, a diversão, a fuga da realidade, a fantasia, através do alto índice de preferência por histórias em quadrinhos, motivados pelo “grande apelo visual e grande dinamismo, as cores, os quadros, os balões”, pela “linguagem oral e pitoresca”, pelas “aventuras cheias de humor e otimismo, personagens interessantes ou heróicos” etc.

Através de uma pesquisa realizada com alunos de 4ª a 8ª séries, em Porto Alegre, Aguiar (1, p. 5) conclui que o informante, apesar de perceber a importância do livro para seu desenvolvimento pessoal, apresenta um interesse paralelo e bastante acentuado por histórias em quadrinhos em busca de aventuras, do imaginário, da fuga da realidade etc.

Segundo a autora, “os assuntos preferidos passam de animais, fadas e religião para amor, ficção científica, humorismo e policial, permanecendo, entretanto, um interesse constante por aventuras”.

Quanto à estrutura da narrativa, “os interesses evoluem de histórias que se passam no futuro, em lugares próximos e determinados, com predomínio de personagens não humanas (sobretudo seres sobrenaturais), para histórias que se passam nos dias atuais, em lugares distantes e imaginários, com predomínio de personagens humanos jovens” (Aguiar, 1).

Pode-se notar, através das conclusões dos trabalhos citados acima, que o jovem, apesar de sentir-se estimulado, durante o ato da leitura, por aventuras, cores fortes, dinamismo, não se distancia de todo de seu papel de jovem, de ser humano dentro da sociedade em que vive. É como se ele buscasse sempre uma fonte de inspiração para seus pensamentos e ações: inicialmente, nos heróis utópicos de histórias fantásticas e mais tarde, em personagens jovens ou mesmo velhos, porém humanos como ele, que, de uma forma mais real, acabam superando os obstáculos e “vencendo na vida”. Desta forma ele vai descobrindo o mundo, os outros e a si mesmo.

A FAMÍLIA E A ESCOLA FRENTE AO PROCESSO DE LEITURA DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE

Em relação à leitura, cabe aos pais, à sociedade e, principalmente, à escola orientar essa evolução com leituras apropriadas que auxiliem a criança e mais tarde o jovem no desenvolvimento de uma personalidade equilibrada, que lhe permita, entre outras coisas, integrar-se, sem grandes dificuldades, na sociedade em que vive.

Segundo Bamberger (2, p. 31), “o que leva o jovem leitor a ler não é o reconhecimento da importância da leitura, e, sim, várias motivações e interesses que correspondem à sua personalidade e ao seu desenvolvimento intelectual”.

Com o levantamento de alguns interesses e motivações gerais em sala de aula, cabe ao professor, entre outras coisas, promover “o desenvolvimento de interesses de leitura capazes de durar a vida inteira” (Bamberger, 2, p. 31).

SUGERINDO UM CAMINHO

Quando se trabalha com jovens em pleno desenvolvimento físico e emocional, ou seja, com adolescentes, deve-se insistir em fortalecer, a meu ver, duas motivações em especial, quais sejam: o “desenvolvimento de aptidões, expansão do eu” e a “formação de uma filosofia de vida, compreensão do mundo que nos rodeia”, conforme expostas por Bamberger em citação anterior.

Tais interesses ou motivações são, no meu entender, o “carro-chefe” do crescimento interior do jovem adolescente e uma das mais fortes possibilidades que ele encontra de bem direcionar sua personalidade, através do desenvolvimento do espírito crítico e da capacidade de observação do mundo, comparação e diferenciação entre a fantasia e a realidade, o certo e o errado, o bem e o mal, entre outros.

E claro que, para que isso aconteça, o aluno precisará de ajuda. Desta forma, o nosso professor não poderá continuar sendo a figura autoritária, moralista e despreparada que vem, de geração em geração, educando “as crianças do nosso país” (França, 4, p. 31).

Nos processos de leitura, considero que diálogos bem direcionados, antecedendo e seguindo-se às leituras dos textos em sala de aula, são as ferramentas mais apropriadas para se atender a esses empreendimentos conjuntos entre professor e aluno. O uso de tais ferramentas causará, sem dúvida, uma mudança na maneira de ver e sentir a educação, tanto por parte do professor como por parte do aluno.

Neste momento, faz-se necessário verificar de que maneira podemos sentir a literatura a que esses mesmos professores e alunos deverão ter acesso durante o processo de transformação e ajuda mútua.

Segundo Bragatto (3, p. 14), “pode-se ler o mundo e os livros, resgatando-se neles e com eles os verdadeiros valores do homem”.

O autor conclui, depois de analisar algumas obras literárias atuais para jovens e crianças, em comparação à literatura tradicional, que “ao conformismo existencial e social se opõe o analisar sobre o porquê de as coisas – as desigualdades – serem assim em família e em sociedade, substituindo-se a passividade diante dos fatos por uma atitude ativa de inteligência dos mesmos e de ação perante e na realidade. Ao dirigismo social maior, personificado pelo rei que tudo ‘pode saber’ ou pelo pai que tudo ‘pode mandar’, se apresenta um saber e um poder de todos, construídos pela consciência coletiva dos fatos da vida, por um conhecimento desses fatos que brota do diálogo, por participação de todos na organização da vida. Ao didatismo, valorização do saber que vem apenas da escola e dos mestres, por isso evitado de autoritarismo e da erudição bolorenta, se contrapõe a inventividade, a imaginação e a descoberta curiosa e emotiva de coisas, vidas e mundos diante das mais variadas situações” (Bragatto, 3, p. 12).

Além disso, o autor vê destacada nas obras atuais “a valorização do velho, homem ou mulher, que se apresentam, em muitas obras, como uma figura humana com ânsia de viver e de partilhar o vivido, de continuar a construir-se como sujeito e de construir o mundo” (Bragatto, 3, p. 12).

Se a evolução da literatura para crianças e jovens é algo que salta aos olhos, através de mensagens mais reais e humanas e através da adoção de novos valores sociais, realmente não se pode mais admitir, sob qualquer hipótese, que o professor permaneça anestesiado diante das transformações sociais e das exigências cada vez maiores da juventude, e continue a administrar aulas em que o ponto central não seja o diálogo e sim o autoritarismo que vem, há muito, caracterizando a formação de uma sociedade preparada para o silêncio. O professor precisa aprender e ensinar sobre a importância do diálogo e da reflexão. Ele precisa ver e sentir as necessidades e as dificuldades de seus alunos e junto deles refletir e debater sobre os caminhos que poderão ser seguidos em busca de soluções.

Faço minhas as palavras de Bragatto (3, p. 14) que dizem:

“Uma literatura bem construída, utilizada na escola, não como método ou instrumento de pedagogia – mas como mundivisão – e uma leitura bem conduzida dessa produção literária – leitura de mundos e valores – podem facilitar o objetivo máximo da educação, a crítica dos valores dominantes no contexto social e eleição e cultivo de outros valores, desejáveis para a transformação do homem e da sociedade”.

Gostaria de lembrar, finalmente, que esse trabalho de leitura calcado no diálogo e na reflexão, desenvolvido em conjunto entre professor e aluno, não exige, em absoluto, uma literatura especializada e nem tem como objetivo único cultivar apenas as duas motivações que considere principais no desenvolvimento do adolescente e na formação de um bom leitor. Tudo o que motiva o aluno à leitura e que faz parte de seu raio de interesse pode e deve ser valorizado e explorado pelo professor. Este deve tentar descobrir: 1 – “os impulsos e interesses dominantes do jovem leitor” e, a partir daí, disputar o prazer e a utilidade da leitura, sem desprezar as “idades de leitura” psicológicas”, pelas quais passam os indivíduos durante seu desenvolvimento físico, mental e emocional (Bamberger, 2, p. 33); 2 – as diferenças determinadas pelo sexo; 3 – as diferenças determinadas pelas expectativas do leitor diante do texto; ou 4 – as necessidades individuais determinadas pelas fases de desenvolvimento do ser humano, uma vez que todos esses fatores são determinantes de motivação e interesses pela leitura em geral.

TOLEDO, E. L. S. Interests and motivations for reading: some subjects to be discussed. *Alfa*, São Paulo, v. 35, 169-173, 1991.

ABSTRACT: This paper is meant to present some ideas, intended to evaluated the reading behavior of adolescent, referring to some practical research of education experts. It suggests the dialogue as a resource to raise the interests and motivations of learner. This paper offers a general insight into the role that the literature of today represents in his or her reading practice.

KEY-WORDS: Reading; interest; motivation; dialogue; adolescent.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. AGUIAR, V. T. “*Interesses de leitura: diagnóstico de uma realidade*”. Dissertação (Mestrado) – resumo. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, PUC, [s. d.].
2. BAMBERGER, R. “*Como incentivar o hábito de leitura*”. São Paulo: Ática, 1975.
3. BRAGATTO, P. F. “Valores e valores na atual literatura brasileira para crianças e jovens. *Leitura: Teoria & Prática*. Campinas: Associação de Leitura do Brasil, v. 5, n. 7, p. 11-14, jun., 1986.
4. FRANÇA, E. E. Quando a leitura do outro precede a leitura do texto: exercício de criatividade pedagógica. *Leitura: Teoria & Prática*. Campinas: Associação de Leitura do Brasil, v. 5, n. 7, p. 28-32, jun., 1986.
5. RABELLO, O. C. P. et al. A biblioteca e a leitura de crianças e jovens. *Leitura: Teoria & Prática*. Campinas: Associação de Leitura do Brasil, v. 5, n. 7, p. 36-41, jun., 1986.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- PONDÉ, G. M. F. Como despertar o prazer da leitura. *Leitura: Teoria & Prática*. Campinas: Associação de Leitura do Brasil, v. 2, n. 1, p. 13-16, abr., 1983.
- YUNES, E. “A leitura e o despertar do prazer de Ler”. *Leitura: Teoria & Prática*. Campinas: Associação de leitura do Brasil, v. 4, n. 6, p. 10-14, dez., 1985.